



CONJUNTURA

Metas Sociais

A busca de título para este artigo me levou a considerar: "as mulheres que fazem" em resposta à crítica intitulada "os homens que calculavam" da Dra. Wanda Engel. O altruísmo é uma das faces mais marcantes das mulheres. Não é à toa que as recipientes do bolsa-escola são prioritariamente mulheres, ou ainda, que as primeiras damas coordenem programas sociais. As mulheres são o canal mais direto às crianças, o maior bolsão de indigência (taxa de 46% contra 29% do conjunto da sociedade).

As crianças têm baixa representatividade eleitoral, mesmo considerando altruísmo e voto de suas mães. A dificuldade maior no combate à pobreza é de natureza política. O mercado eleitoral não dá suporte às boas ações sociais. Numa perspectiva financeira e tecnológica, insisto: a nossa miséria de 50 milhões de indigentes, é solucionável. Esta é a vantagem comparativa básica conferida pela nossa vergonhosa distribuição de renda, agora a sociedade carece de um norte.

É verdade que o combate sustentável à pobreza é um fenômeno complexo. Entretanto, isso não exime governos de fixarem linhas de miséria oficiais, pelo contrário. Os EUA fixaram a sua nos idos dos anos 60. Este é o primeiro passo para a fixação de metas de redução de miséria. A concepção de metas proposta pela FGV, não visa contar pobres mas fazer com que os mais pobres contem mais. O índice a ser perseguido deve visar o mais pobre dos pobres e não a mera redução do número deles. Caso contrário, haveriam incentivos espúrios para mirar no menos miserável dos miseráveis através de ações que o fizessem "pular localmente" a linha estipulada. A nossa proposta funciona como um ascensor social que parte da renda zero. Assim, a prioridade das ações seria à prova do miserável número de miseráveis.